

©carlos quir

LUIZ
RUFFATO

escritor

por Carlos Quiroga



o anti-romance do operariado

Nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em Fevereiro de 1961. Formado em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), passou por várias profissões antes do jornalismo, que exerce actualmente em São Paulo, onde mora. Publicou *Histórias de Remorsos e Rancores* (contos, 1998), *(os sobreviventes)* (contos, 2000, Menção Especial no Prémio Casa de las Américas), *Eles eram muitos cavalos* (romance, 2001, Prémio APCA de melhor romance de 2001 e Prémio Machado de Assis de Narrativa; já tem versão em italiano e francês e sai em 2006 em Portugal e na Alemanha); *As Máscaras Singulares* (poemas, 2002), *Os ases de Cataguases* (ensaio, 2002), *Mamma, son tanto felice* (romance, 2005, em francês para 2006), *O mundo inimigo* (romance, 2005),

os dois últimos agraciados com o Prêmio APCA de melhor ficção de 2005). Luiz Ruffato participou, junto com outros escritores, no VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, celebrado em Julho de 2005 em Santiago de Compostela, ocasião que lhe permitiu tomar contacto com a Galiza.

Nos seus primeiros livros de contos, *Histórias de remorsos e rancores* e *(os sobreviventes)*, fala da gente pobre de Cataguases, o lugar onde nasceu. No premiado *Eles eram muitos cavalos* vai para São Paulo, a cidade onde agora mora. A sua literatura necessita beber da realidade directa mais próxima?

—Eu acredito na função política da Arte. Eu me abri para o mundo a partir da leitura de um livro e penso que com outras pessoas possa ocorrer o mesmo. Então, se puder modificar, nem que seja um único leitor, me dou por satisfeito. A história brasileira sempre foi contada, a partir do olhar privilegiado dos escritores, do ponto de vista da elite. Minha tentativa é de promover um olhar alternativo, uma visão de quem vivenciou a realidade tendo que ultrapassar barreiras e preconceitos comuns a pessoas que são filhas do proletariado. Por isso, talvez, a escolha da temática esteja submetida a um projeto político.

Especialmente nesse último livro, o delirante retrato de um dia paulista, feito em 70 unidades, usa de ricas ousadias de conteúdo e

forma (há ementas, cartas, enumerações, diplomas, e há vários recursos gráficos, tipográficos, etc.), numa adequação acertada, acho, dos olhares fragmentários à matéria relatada. No último quadro até coloca duas páginas em negro absoluto, e isto lembra-me os tempos de *O Mono da Tinta*, onde aplicar algo similar provocou alguma discussão —e era uma revista de criação! Você não teve dificuldades iniciais com o editor, neste sentido?

—Eu acabara de ter um livro premiado em Cuba, um prêmio que no Brasil é levado muito a sério. Portanto, quando entreguei os originais de *Eles eram muitos cavalos* à minha então editora, apesar do susto inicial provocado pela formatação, não tive grandes problemas iniciais. O livro, lançado em setembro de 2001, logo ganhou importantes prêmios nacionais, teve uma segunda edição cinco meses depois, e hoje encontra-se na quarta edição e a edição francesa teve uma excelente repercussão. De tal maneira, que, embora considerado “estranho” no começo, logo passou a ser motivo de estudos em universidades, e, através do boca-a-boca, venceu aquela

primeira impressão. Penso que a forma da ficção tende a se adequar ao assunto que o escritor quer tratar. No caso específico, a minha apreensão de São Paulo é a mais fragmentária possível. Vivemos numa megalópole de mais de 18 milhões de habitantes, onde convivem uma riqueza condizente com os Estados Unidos e uma pobreza asselhada aos piores países africanos... Então, para dar conta dessa realidade, precisei lançar mão de recursos outros, que não da ficção tradicional. Daí a diversidade de linguagens...

Você acha que *Eles... é o seu melhor livro ou que simplesmente está a ter melhor fortuna? Jogará a favor dele a maior agilidade e contundência, será isso preferível à maior densidade dos *Infernos...*, do ponto de vista do público?*

—Sem dúvida alguma devo a minha visibilidade como escritor a *Eles eram muitos cavalos*. A partir dele, pude até mesmo deixar o jornalismo, minha profissão primeira, para me dedicar exclusivamente à literatura, um salto no escuro num país de poucos leitores e menos ainda tradição de escritor profissional. Mas creio que o meu projeto, se passa por *Eles eram muitos cavalos*, não se esgota nele. E espero que o público e os especialistas concordem comigo. O conjunto dos dois primeiros volumes do Inferno provisório acaba de receber o Prêmio APCA de melhor ficção de 2005, o mesmo dado ao *Eles eram muitos cavalos*, o que pode

significar uma carreira semelhante — meu desejo e minha angústia.

A vertigem visual, o ritmo cortado de clip fílmico está muito em harmonia, acho, com o mundo urbano que retrata. Mas essa preferência também está no *Mamma, son tanto felice*, onde as descrições e retratos das 6 histórias descrevem, com maior espaço e intimidade, a mesma sociedade, mas agora na pequena cidade proletária. Será esta fragmentariedade a principal “marca” estilística da sua narrativa?

—Quando pensei em me tornar escritor, uma das questões que me pus foi a seguinte: como tentar dar um depoimento a respeito do Brasil a partir do ponto de vista dos trabalhadores? Não poderia, por princípio, me utilizar da forma do romance, como conhecido, que é um instrumento de apreensão e conformação da realidade burguesa. Então, fui à história da literatura para tentar resolver o impasse. E, estudando, percebi que no mesmo momento em que o gênero romance nasce, floresce também o gênero anti-romance (que, talvez, na verdade, seja concebido até antes, se pensamos no Dom Quixote, de Miguel de Cervantes). Assim, ao lado da tradição do romance burguês, temos a tradição do anti-romance burguês, com Sterne, Xavier de Maistre, Machado de Assis, Joyce, Faulkner, Robbe-Grillet, Cortázar, Pérec... Assim, tentei beber nessas águas, transformando a própria forma de

descrição da realidade em questionamento dela...

No *Mamma, son tanto felice*, que constitui o *Inferno Provisório I*, as narrativas têm protagonistas de origem italiana. Há uma intenção de análise, aplicada a essa Zona da Mata em que decorrem as histórias, especialmente centrada na vida dos imigrantes de tal procedência? Tem isso algo a ver com as raízes do próprio Luiz Ruffato?

—Sem dúvida. Mas, aqui, os italianos que foram expulsos pela fome e pela miséria do seu país natal (principalmente por causa dos minifúndios ao Norte, caso dos meus familiares, e pelos latifúndios ao Sul), representam os imigrantes de maneira geral. Porque o Brasil é um país formado por imigrantes europeus e asiáticos (e hoje latino-americanos), mas muito também pelos imigrantes internos. Logo após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil, por aderir com certa resistência aos aliados, ganhou uma usina siderúrgica, início do processo de sua industrialização. Mas, para garantir mão de obra barata para a elite paulista e carioca, milhões de pessoas foram deslocadas de suas regiões, particularmente do Nordeste e Minas Gerais, deixando para trás não só suas raízes culturais, mas principalmente sua história. Porque penso que, para o imigrante, pior de tudo é se afastar dos ossos de seus antepassados enterrados no cemitério. Porque ali está sua origem e seu

auto-reconhecimento. E quando você perde isso, perde também seu status de ser no mundo. E é essa, na minha opinião, a pior tragédia brasileira: a perda da identidade, a perda da história pessoal e coletiva.

Nas 12 histórias de *O mundo inimigo (Inferno Provisório II)*, continua apresentando relatos de vidas que se cruzam. Acha que *Eles...* e estes dois *Infernos*, onde inclusive há reescritura de narrativas anteriormente publicadas, têm uma continuidade e constituem um conjunto?

—Sem dúvida. Quando comecei a escrever, já tinha um projeto embrionário do *Inferno provisório*, mas não sabia como executá-lo formalmente. Publiquei dois livros, ditos de “contos” que eu chamava de “histórias”, e aí veio uma certa crise. Como resolver esse impasse? Então, escrevi o *Eles eram muitos cavalos*, que era uma tentativa de resolver impasses formais e conteudísticos. Só que esse “romance” acabou atropelando meu projeto do *Inferno provisório*. Ele foi então uma antecipação do que eu queria formalmente. Quatro anos se passaram, reescrevi os dois primeiros livros, incorporei-os à “saga” do *Inferno provisório* e publiquei os dois primeiros volumes em 2005. E descobri que o *Eles eram muitos cavalos* seria assim como uma espécie de início —por ter me libertado das amarras formais do romance tradicional— e fim —por ser a conclusão da pergunta que origina a

minha obra: como chegamos onde estamos? O *Inferno provisório* será constituído de cinco volumes e o *Eles eram muitos cavalos* seria assim uma espécie de “sexto volume”...

Quanto à reescritura assumida, tem uma intenção narrativa que não seja a efectividade do mesmo projecto, que não seja o reaproveitamento para fazer crescer o panorama apresentado? Quer dizer, houve autores que acabaram por fazer dos caprichos editoriais experiências de alta simbologia metaliterária, como o Herberto Helder com *Cobra*, cujos exemplares chegaram a ser bem diferentes...

–No meu caso, o projeto literário do *Inferno provisório* acabou por atropelar e matar os maus dois primeiros livros publicados. Então, para todos os efeitos, “Histórias de remorsos e rancores” e “(os sobreviventes)”, este, inclusive premiado, não existem mais. Não serão mais editados. A reescrita serviu para adequar o projeto como um todo. Há, por exemplo, uma história de “(os sobreviventes)” que somente será incorporada ao projeto de *Inferno provisório* no quarto volume. Minha intenção é, no final, publicar todos os cinco livros num único volume, com as histórias rearranjadas...

A etiqueta ‘Provisório’ também se refere à mobilidade do seu texto ou tinha outra intenção? O *Inferno* narrado é provisório por-

que vai acabar ou porque ainda pode se abordado doutro modo, ampliado, acrescentado...?

–Sempre penso no texto como forma adequada a um conteúdo específico. Portanto, para dar conta de um universo precário e provisório, lancei mão de uma forma precária e provisória. Precária porque a vida é precária nesse lado do Oceano Atlântico e abaixo da linha do Equador. E provisória porque a arte contemporânea tem essa característica de work in progress... Com relação especificamente ao “*Inferno provisório*”, penso que o nosso inferno é provisório porque o definitivo é a planície da mesmidade, enquanto o provisório é esperança de que se transforme...

Nesse sentido, há uma coincidência mais ampla do que a estratégia estilística de preferência fragmentária. Estou a referir-me ao objecto mesmo da sua escrita. O friso social retratado, onde acontece a injustiça, a vida humilde, mesquinha, infernal. Quer ser o Luiz Ruffato o cronista do proletariado brasileiro do século XXI, dos marginais e e pobres do nosso tempo?

–O Brasil é um país de uma hierarquização social cruel. As possibilidades de ascensão social são mínimas. E estudando a história da literatura brasileira me defrontei com um curioso paradoxo: nós não temos na nossa história contemplado a figura do proletário. Isso, porque, além de termos tido um processo de

industrialização relativamente recente, mesmo aqueles que nascem de famílias pobres tendem a esconder seu passado para ser melhor aceitos pela elite cultural e econômica. Assim, tomei para mim a tarefa de tentar contar a história brasileira do ponto de vista de quem participou dela até agora apenas como ator secundário. Por incrível que possa parecer, são muitas as representações do imaginário da marginalidade brasileira –desde a inauguração da literatura brasileira– mas raros os relatos que têm o operário como centro da narrativa. Algo como o *Germinal*, de Zola, no Brasil é impensável... Assim, tenho trabalhado para dar voz a quem não a tem, para dar visibilidade a quem incomoda.

E a Poesia, que lugar ocupa na sua dedicação, na sua preferência de escrita?

–A poesia já foi o centro das minhas preocupações. Comeci poeta, ou achando-me poeta, cheguei a publicar um livro, em 2002, *As máscaras singulares*, mas tenho tamanho respeito pela poesia e pelos poetas, que achei melhor aprender mais... A poesia acabou incorporada à minha prosa e eventualmente pego-me em namoro com ela em forma de poema. Penso que a poesia tem uma relação mais íntima com a Filosofia e a prosa com a História. A minha preocupação maior, no momento, é com a História. Mas, minha preferência, como leitor, é pela Filosofia...

Este Verão, quando o conheci, lembro-me de ter-lhe ouvido dizer que se dava uma entrevista era para falar de política, não de literatura –e agora entendo melhor aquilo, após algum dos seus livros! Em todo o caso, uma pergunta mais abertamente política: no Brasil lulista de hoje, as esperanças dessa sociedade que você retrata continuam em pé?

–Sim, acho que o artista expressa o que pensa no seu trabalho. Quando posso falar para mais de uma pessoa, prefiro falar em política, que é a forma de expressão que pode cotucar as pessoas a pensarem em voz alta. A literatura é uma forma de diálogo em voz baixa, o artista e o leitor. Então, pensando politicamente, em voz alta, acho que infelizmente o PT, partido que ajudei a criar e por quem alimentei esperanças de mudança –eu e milhões de brasileiros– não disse ao que veio, traiu os nossos ideais. Estamos indo para o último ano de mandato de Lula da mesma maneira como ele se iniciou. Nada mudou e em algumas coisas houve mesmo retrocesso. Acho que foi um grande equívoco da esquerda brasileira e, o que é pior, a sensação que me fica é que o desastre do governo de Lula vai repercutir durante muitos anos em descrença dos jovens em relação a possíveis mudanças propaladas pela esquerda.

Também no reino da Espanha e mais especificamente na Galiza tivemos mudança política

recente, e você já conhece algo da sociedade galega, em tensão (para muitos inconsciente) entre tal reino e a afirmação da nossa identidade. Também nós temos agora algumas esperanças... Esperava você encontrar na Galiza o que encontrou? Que foi o que mais o chocou? Tem algum conselho 'político' para esta Galiza ainda algo esperançasada?

–Eu confesso minha ignorância. Desconhecia a riquíssima tradição galega. Mergulhei num universo novo e percebi o quanto temos em comum, não só em relação à língua, à cultura, mas talvez principalmente em relação a ideais de mudança, de afirmação de nacionalidade, de luta pelo reconhecimento de um povo. O que mais me chocou foi saber com que brutalidade foram sufocados aqueles que lutaram pela afirmação identitária – mas ao mesmo tempo fiquei impressionado como que esse desprezo pelos valores galegos serviu também para alimentar o orgulho pela cultura e pela afirmação dessas diferenças. Acho que cada um à sua maneira tem que dar contribuições para as mudanças. E se existe algum conselho a dar, seria a de manter sempre acesa a esperança, com luta e afirmação.

Você é mineiro, e uma minha amiga brasileira afirmava que os mineiros são muito parecidos com galegos, a respeito dos outros brasileiros. Alguns tópicos de mais reservados, trabalhadores, etc.

Não sei se deu para observar parecidos.

–Creio que esses estereótipos nascem de observações concretas. Há algo no ar da Galiza que me lembra Minas: as montanhas, por exemplo, e a cultura profundamente arraigada no povo e nas coisas, e o orgulho de saber-se galego (e mineiro). Eu confesso que, embora nunca tivesse colocados os pés na Galiza, me senti profundamente galego... Talvez isso responda de maneira sintética a questão...

Por falar em parecidos, o que acha do falar dos galegos – e galegas-, é para você muito diferente do falar dos portugueses?

–Cada um com seus acentos, a língua portuguesa que falamos, angolanos, moçambicanos, guineenses, caboverdianos, timorenses, portugueses (do sul e do norte) origina-se no galego. Portanto, no meu caso, compreendi perfeitamente o galego –mas essa felicidade, que chamei de galeguia (galegria), dá um tom de suavidade muito particular.

Em Fevereiro de 2006 estará nas *Correntes d'Escritas*, esse rio de amizade da Póvoa do Varzim, e apresenta depois a edição portuguesa de *Eles...* em várias cidades. Acha normal que os livros brasileiros devam aguardar outra edição em Portugal? Será que os portugueses não podem ler a versão brasileira? Será que ainda têm complexo de donos da língua? Será só questão mercantil?

—No meu caso, uma das exigências para a publicação de *Eles eram muitos cavalos*, é que não houvesse uma “versão” portuguesa, mas apenas, caso a editora sentisse necessidade, uma ou outra nota de rodapé. No Brasil, lemos os livros portugueses sem necessidade de “versão”, apenas adaptações ortográficas. Penso que cada um dos povos colonizados por Portugal tem dado contribuições para o enriquecimento da língua portuguesa. No Brasil, muitos vocábulos chamados de “brasileirismos” são, na verdade, resquícios do português arcaico, que caíram em desuso na Europa, mas continuaram a ser usados no interior. Outros, foram reformulações e criações para dar conta de uma natureza totalmente diferente e complexa. Não percebo xenofobia, mas evidentemente há diferenças que têm que ser respeitadas.

Vou tentar concluir voltando à literatura... Noutra parte vi que mencionava cinco mestres, autores de cabeceira, Tchecov, Machado de Assis, Pirandello, Faulkner e Guimarães Rosa. Continua subscrevendo? Reduziu ou ampliou a lista?

—Esses autores são, digamos assim, nortes que persigo. Cada um deles é um universo. Tchekov me conduz à compaixão pelos personagens; Pirandello me ensina o absurdo da vida; Faulkner me indica os caminhos do experimentalismo; Guimarães Rosa, a recriação da língua. E Machado de Assis é tudo.

Agora, as minhas leituras englobam os mais diversos caminhos: da literatura contemporânea portuguesa (extremamente instigante) e brasileira aos clássicos em todas as línguas. Tudo me interessa.

Tinha ainda algumas outras perguntas transcendentais, como saber o seu número de pé ou interrogá-lo sobre a sua posição a respeito da camada do ozono, mas não resisto fechar com um toque egotista: sabe que a data que você escolheu para retratar São Paulo no *Eles...* coincide com o dia do meu aniversário? Menos mal que não nos conhecíamos quando o editou! Foi casual a escolha dessa data?

—Foi uma antecipação da amizade que haveria mais tarde. Disso não duvido...

Creio que vou apagar a última pergunta e a correspondente resposta: a partir de agora direi por aí que o celebrado escritor brasileiro Luiz Ruffato me aprecia tanto que já me homenageou no seu grande livro *Eles...*, escolhendo a data do meu aniversário para o memorável mergulho...! Enfim, quem me conheça não vai acreditar nada... Sou pouco de aniversários próprios, cada vez menos. Deixarei ficar tudo na mesma. Muito obrigado, Luiz, venha ver-nos em breve —e nos diga a data do seu aniversário, para devolver-lhe a homenagem!

—4 de fevereiro...

DO BRASIL, RUFFATO

Carlos Quiroga

LUIZ RUFFATO (CATAGUASES, MG, 1961) É UM DOS NOMES MAIS NOTÓRIOS NA LITERATURA BRASILEIRA DA ÚLTIMA DÉCADA. TAMBÉM O ESCRITOR BRASILEIRO MAIS MILITANTE DA «CAUSA GALEGA», DESDE QUE CÁ ESTEVE PELA PRIMEIRA VEZ EM JULHO DE 2005, CONVIDADO AO VIII CONGRESSO DA AIL. A ÚLTIMA VISITA FOI EM JULHO DO ANO PASSADO, MAS PELO MEIO TAMBÉM SE «ESCAPOU» DE LISBOA, QUANDO ESCOLHIDO NO PROJETO AMORES EXPRESSOS A VIAJAR PARA UMA CAPITAL DO MUNDO E NARRAR UMA HISTÓRIA DE AMOR. O LIVRO RESULTANTE DA EXPERIÊNCIA, *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*, ATÉ FOI FINALISTA DO SUCULENTO PRÊMIO SÃO PAULO DE LITERATURA AO MELHOR LIVRO DO ANO —COM AUTORES COMO JOÃO UBALDO RIBEIRO, BERNARDO CARVALHO, CHICO BUARQUE, ONDJAKI OU RAIMUNDO CARRERO—, ESTE ÚLTIMO VENCEDOR FINAL.

publicou os livros de contos *Histórias de Remorsos e Rancores*, 1998, e *(os sobreviventes)*, 2000, este último Menção Especial no Prémio Casa de las Américas; seguiu-se o citado *Eles eram muitos cavalos*, de 2001, que supus a sua consagração na prosa; mas no ano a seguir edita poesia, *As Máscaras Singulares* (poemas, 2002), e até ensaio, *Os ases de Cataguases*. A partir daí, começou a lançar o persistente projeto romanesco em que vinha trabalhando, o *Inferno Provisório* —nascido tetralógico e já agora pentalógico—, um retrato alargado da transformação da vida operária na cidade mineira de Cataguases, do que já temos os seguintes títulos: *Mamma, son tanto felice* (2005), *O mundo inimigo* (2005) —ambos com Prémio APCA à melhor ficção de 2005—, *Vista parcial da noite* (2006), *O livro das impossibilidades* (2008). Isso para além de coordenar e organizar várias obras e antologias, especialmente conhecidas as relativas às «mulheres que estão fazendo a nova Literatura Brasileira» (2005). Ruffato é formado em Comunicação em Juiz de Fora (MG), mas passou por várias profissões, a penúltima jornalismo, que exerceu em São Paulo. Nesta macrocidade acabou por morrer e virar-se só para a literatura —o que hoje não significa apenas fechar-se a escrever—.

Antes ao contrário, o Luiz prova nos últimos tempos que dedicação à escrita não é só em casa: escritor profissional tem agora mais exigências de deslocação?

—Desde 2003, quando deixei o jornalismo pela literatura, tenho feito uma média de duas a três viagens internacionais por ano e dezenas de viagens pelo Brasil. Este ano mesmo já esteve em Porto Rico, França e ainda irei à Argentina e Estados Unidos... E, no âmbito interno, de setembro até o fim do ano vi-

sitarei São João del Rey (MG), cinco cidades do interior de São Paulo, Curitiba (PR), Rio de Janeiro (três vezes) e Porto Alegre (RS)...

No *Estive em Lisboa*, editado agora em Portugal, a história apresenta-se como depoimento gravado e editorado: é uma estratégia narrativa (efectiva) ou tem mesmo fundamento nos trabalhos de preparação do livro?

—Bom, isso é... um segredo! Na verdade, é uma estratégia narrativa... Como se trata de um texto na primeira pessoa, «citado» num fôlego único, como se tratasse efetivamente de um depoimento, achei que daria maior verossimilhança caso estipulasse junto com o leitor que o que se iria ler a seguir era a história gravada de um imigrante brasileiro perdido em Lisboa... Acho interessante usar essas estratégias que tiram de prumo as certezas do leitor... Já havia feito isso de maneira mais radical num livro chamado *De mim já nem se lembra...*

O Serginho, protagonista mineiro que vai para Portugal com os sonhos do emigrante, procede de Cataguases: a cidade natal do Luiz, cenário dos primeiros livros, é um repositório inesgotável de memórias ou já se tornou estandar-te inevitável?

—Na verdade, Cataguases não existe... Ou pelo menos a Cataguases que descrevo em meus livros... Eu levo para um lugar que chamo de Cataguases todas as experiências da memória coletiva, que são passíveis de serem encontradas por lá, mas que existem em diversos outros sítios do Brasil... Aliás, só assim, deformando a realidade de Cataguases, foi possível transformar a cidade num lugar simbólico, que possa ser compreendido por alguém de regiões tão distantes como a França ou os Estados Unidos... Quem, portanto, procurar na Cataguases onde nasceu a Cataguases dos meus livros poderá, talvez, se decepcionar...

No premiado *Eles eram muitos cavalos* a paisagem urbana já é São Paulo, a cidade onde agora mora. A sua literatura requer a realidade directa mais próxima?

—Eu acredito na função política da Arte. Eu me abri para o mundo a partir da leitura de um livro e penso que com outras pessoas possa ocorrer o mesmo. Então, se puder modificar, nem que seja um único leitor, me dou por satisfeito. A história brasileira sempre foi contada, a partir do olhar privilegiado dos escritores, do ponto de vista da elite. Minha tentativa é de promover um olhar alternativo, uma visão de quem vivenciou a realidade tendo que ultrapassar barreiras e preconceitos comuns a pessoas que são filhas do proletariado. Por isso, talvez, a escolha da temática esteja submetida a um projeto político.

Especialmente no *Eles*, delirante retrato de um dia paulista feito em 70 unidades, há atrevimentos de conteúdo e forma: ementas, cartas, enumerações, diplomas, recursos gráficos, tipográficos. Até duas páginas em negro no último quadro. Aceitou bem o editor tanta ousadia?

—Eu acabara de ter um livro premiado em Cuba, um prêmio que no Brasil é levado mui-

to a sério. Portanto, quando entreguei os originais de *Eles eram muitos cavalos* à minha então editora, apesar do susto inicial provocado pela formatação, não tive grandes problemas. O livro, lançado em setembro de 2001, logo ganhou importantes prêmios nacionais, teve uma segunda edição cinco meses depois, e hoje encontra-se na sexta edição e publicado também na França, Itália, Portugal e Argentina, com excelente repercussão. De tal maneira, que, embora considerado «estranho» no começo, logo passou a ser motivo de estudos em universidades, e, através do boca-a-boca, venceu aquela primeira impressão. Penso que a forma da ficção tende a se adequar ao assunto que o escritor quer tratar. No caso específico, a minha apreensão de São Paulo é a mais fragmentária possível. Vivemos numa megalópole de mais de 18 milhões de habitantes, onde convivem uma riqueza condizente com os Estados Unidos e uma pobreza asselhada aos piores países africanos... Então, para dar conta dessa realidade, precisei lançar mão de recursos outros, que não da ficção tradicional. Daí a diversidade de linguagens...

Você acha que *Eles...* é o seu melhor livro ou que simplesmente teve melhor fortuna? Joga a favor dele a agilidade e contundência, será isso preferível à maior densidade dos *Infernos...*, do ponto de vista do público?

—Sem dúvida alguma devo a minha visibilidade como escritor a *Eles eram muitos cava-*



los. A partir dele, pude até mesmo deixar o jornalismo, minha profissão primeira, para me dedicar exclusivamente à literatura, um salto no escuro num país de poucos leitores e menos ainda tradição de escritor profissional. Mas creio que o meu projeto, se passa por *Eles eram muitos cavalos*, não se esgota nele. E espero que o público e os especialistas concordem comigo. O conjunto dos dois primeiros volumes do *Inferno provisório* ganhou o Prémio APCA de melhor ficção de 2005, o mesmo dado a *Eles eram muitos cavalos*; o seguinte recebeu o Prémio Jabuti de 2006 e o quarto volume esteve entre os 10 finalistas do Prémio Zaffari-Bourbon... Além disso, o *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti* (título em Portugal) ficou entre os 10 fina-



listas do Prémio São Paulo de Literatura: o que pode significar uma carreira semelhante —meu desejo e minha angústia.

O ritmo cortado de clip fílmico está muito em harmonia com o mundo urbano que retrata. A preferência está também noutros livros dos *Infernos...*, a começar pelo *Mamma*, salvo haver maior espaço e intimidade, e deslocar a lente para a pequena cidade proletária —ainda que a sociedade em foco coincide. É a fragmentariedade a sua principal «marca» estilística?

—Quando pensei em me tornar escritor, uma das questões que me pus foi a seguinte: como tentar dar um depoimento a respeito do Brasil a partir do ponto de vista dos trabalhadores? Não poderia, por princípio, me utilizar da forma do romance, como conhecido, que é um instrumento de apreensão e conformação da realidade burguesa. Então, fui à história da literatura para tentar resolver o impasse. E, estudando, percebi que no mesmo momento em que o gênero romance nasce, floresce também o gênero anti-romance (que, talvez, na verdade, seja concebido até antes, se pensamos no Dom Quixote, de Miguel de Cervantes). Assim, ao lado da tradição do romance burguês, temos a tradição do anti-romance burguês, com Sterne, Xavier de Maistre, Machado de Assis, Joyce, Faulkner, Robbe-Grillet, Cortázar, Pérec... Assim, tentei beber nessas águas, transformando a própria forma de descrição da realidade em questionamento dela...

As personagens de origem italiana são numerosas. Há uma intenção de análise aplicada a essa Zona da Mata em que

decorrem as histórias, especialmente centrada na vida dos imigrantes de tal procedência? Tem a ver com as raízes do próprio Ruffato?

—Sem dúvida. Mas, aqui, os italianos que foram expulsos pela fome e pela miséria do seu país natal (principalmente por causa dos minifúndios ao Norte, caso dos meus familiares, e pelos latifúndios ao Sul), representam os imigrantes de maneira geral. Porque o Brasil é um país formado por imigrantes europeus e asiáticos (e hoje latino-americanos), mas muito também pelos imigrantes internos. Logo após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil, por aderir com certa resistência aos aliados, ganhou uma usina siderúrgica, início do processo de sua industrialização. Mas, para garantir mão de obra barata para a elite paulista e carioca, milhões de pessoas foram deslocadas de suas regiões, particularmente do Nordeste e Minas Gerais, deixando para trás não só suas raízes culturais, mas principalmente sua história. Porque penso que, para o imigrante, pior de tudo é se afastar dos ossos de seus antepassados enterrados no cemitério. Porque ali está sua origem e seu auto-reconhecimento. E quando você perde isso, perde também seu status de ser no mundo. É essa, na minha opinião, a pior tragédia brasileira: a perda da identidade, a perda da história pessoal e coletiva.

Nas 12 histórias de *O mundo inimigo (Inferno Provisório II)* há de novo relatos de vidas que se cruzam. Existe entre *Eles...* e os *Infernos* —especialmente os dois primeiros, com reescritura de narrativas já publicadas— uma continuidade?

—Sem dúvida. Quando comecei a escrever, já tinha um projeto embrionário do *Inferno provisório*, mas não sabia como executá-lo formalmente. Publiquei dois livros, ditos de «contos» que eu chamava de «histórias», e aí veio uma certa crise. Como resolver esse impasse? Então, escrevi o *Eles eram muitos cavalos*, que era uma tentativa de resolver impasses formais e conteudísticos. Só que esse «romance» acabou atropelando meu projeto do *Inferno provisório*. Ele foi então uma antecipação do que eu queria formalmente. Quatro anos se passaram, reescrevi os dois primeiros livros, incorporei-os à «saga» do *Inferno provisório* e publiquei os dois primeiros volumes em 2005. E descobri que o *Eles eram muitos cavalos* seria assim como uma espécie de início —por ter me libertado das amarras formais do romance tradicional— e fim, por ser a conclusão da pergunta que origina a minha obra: como chegamos onde estamos? O *Inferno provisório* será constituído de cinco volumes (dos quais, quatro já lançados) e o *Eles eram muitos cavalos* seria assim uma espécie de «sexto volume»...

Quanto à reescritura assumida, tem intenção que não seja a efetividade narrativa?

—No meu caso, o projeto literário do *Inferno provisório* acabou por atropelar e matar os maus dois primeiros livros publicados. Então, para todos os efeitos, «Histórias de remorsos e rancores» e «(os sobreviventes)», este, inclusive premiado, não existem mais. Não serão mais editados. A reescrita serviu para adequar o projeto como um todo. Há, por exemplo, uma história de «(os sobreviventes)» que somente apareceu no quarto volume do *Inferno provisório*. Minha in-

tenção é, no final, publicar todos os cinco livros num único volume, com as histórias rearranjadas...

O *Inferno* narrado é provisório porque vai acabar ou porque pode ser abordado ou ampliado doutro modo?

—Sempre penso no texto como forma adequada a um conteúdo específico. Portanto, para dar conta de um universo precário e provisório, lancei mão de uma forma precária e provisória. Precária porque a vida é precária nesse lado do Oceano Atlântico e abaixo da linha do Equador. E provisória porque a arte contemporânea tem essa característica de work in progress... Com relação especificamente ao «*Inferno provisório*», penso que o nosso inferno é provisório porque o definitivo é a planície da mesmidade, enquanto o provisório é esperança de que se transforme...

Quer ser o Luiz Ruffato o cronista do proletariado brasileiro do século XXI?

—O Brasil é um país de uma hierarquização social cruel. As possibilidades de ascensão social são mínimas. E estudando a história da literatura brasileira me defrontei com um curioso paradoxo: nós não temos na nossa história contemplado a figura do proletário. Isso, porque, além de termos tido um processo de industrialização relativamente recente, mesmo aqueles que nascem de famílias pobres tendem a esconder seu passado para ser melhor aceitos pela elite cultural e econômica. Assim, tomei para mim a tarefa de tentar contar a história brasileira do ponto de vista de quem participou dela até agora apenas como ator secundário. Por incrível que possa parecer, são muitas as representações do imaginário da marginalidade de brasileira — desde a inauguração da literatura brasileira — mas raros os relatos que têm o operário como centro da narrativa. Algo como o Germinal, do Zola, no Brasil é impensável... Assim, tenho trabalhado para dar voz a quem não a tem, para dar visibilidade a quem incomoda.

Também conhece algo a sociedade galega, em tensão... Que foi o que mais o chocou? Tem algum conselho para esta Galiza ainda algo esperanzada?

—Eu confesso minha ignorância. Desconhecia a riquíssima tradição galega. Mergulhei num universo novo e percebi o quanto temos em comum, não só em relação à língua, à cultura, mas talvez principalmente em relação a ideais de mudança, de afirmação de nacionalidade, de luta pelo reconhecimento de um povo. O que mais me chocou foi saber com que brutalidade foram sufocados aqueles que lutaram pela afirmação identitária — mas ao mesmo tempo fiquei impressionado como que esse desprezo pelos valores galegos serviu também para alimentar o orgulho pela cultura e pela afirmação dessas diferenças. Acho que cada um à sua maneira tem que dar contribuições para as mudanças. E se existe algum conselho a dar, seria a de manter sempre acesa a esperança, com luta e afirmação.

Por falar em parecidos, o que acha da nossa fala?

—Cada um com seus acentos, a língua portuguesa que falamos, angolanos, moçambicanos, guineenses, caboverdianos, timorenses, portugueses (do sul e do norte) origina-se no galego. Portanto, no meu caso, compreendi perfeitamente o galego — mas essa felicidade, que chamei de galeguia (galegría), dá um tom de suavidade muito particular.